

## SLOW FASHION: COMO UM MERCADO IMEDIATISTA PASSOU A RESPONDER AO MODELO FAST FASHION, ATENTANDO-SE A PROBLEMÁTICAS AMBIENTAIS, SOCIAIS E ECONÔMICAS.

**Slow fashion: how an immediate market started to respond to the fast fashion model, paying attention to environmental, social and economic issues.**

Andrade, Luana Moenighoff de; Pontifícia Universidade Católica do Brasil,  
andrade.luana1702@gmail.com

Sena, Taísa Vieira Dra; Pontifícia Universidade Católica do Paraná, taísa.sena@pucpr.br

**Resumo:** O fast fashion 1 desencadeou uma série de problemas, como, por exemplo, o lixo têxtil. Assim, atentando-se às questões ambientais, consumidores apoiam cada vez mais o *slow fashion*<sup>2</sup>. O presente estudo buscou analisar como o movimento *slow fashion* é uma possível resposta ao modelo *fast fashion*, uma vez que o consumidor se depara com as problemáticas ambientais, sociais e econômicas desencadeadas pela era do imediatismo.

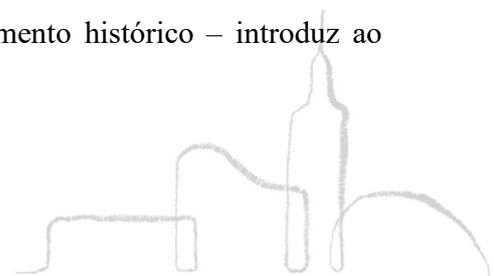
**Palavras-chave:** *Slow Fashion*; lixo têxtil; *Fast Fashion*

**Abstract:** Fast fashion 3 has triggered a series of problems, such as, for example, textile waste. Therefore, paying attention to environmental issues, consumers increasingly support *slow fashion*<sup>4</sup>. The present study sought to analyze how the *slow fashion* movement is a possible response to the *fast fashion* model, as consumers are faced with environmental, social and economic problems triggered by the era of immediacy.

**Keywords:** *Slow Fashion*; textile waste; *Fast Fashion*.

### 1. Introdução

“Novo, mais e imediatamente”, este é o lema da sociedade atual, na qual a novidade de hoje é o obsoleto de amanhã. Vive-se o auge do capitalismo, com tudo ao alcance de um *click*: conforto proporcionado pelos avanços tecnológicos intensificados a partir dos anos 1990. A democratização da internet, a velocidade em que as informações passaram a chegar e a facilidade de acesso, impulsionaram as pessoas a desejarem mais e mais rápido. Portanto, a moda – eterna refletora e ávida serva das necessidades da sociedade e seu momento histórico – introduz ao



mercado o *fast fashion*: modelo de produção e consumo no qual os produtos são fabricados, consumidos e descartados rapidamente.

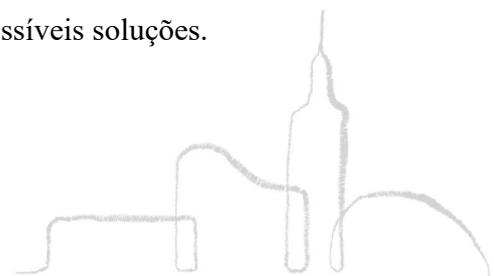
Entretanto, a produção e consumo em massa, não derivada de uma necessidade básica, resulta em um descarte também em massa. Quando se fala no impacto ambiental da moda, fala-se muito mais que apenas na extração de matérias-primas, mas também no consumo de energia, água, emissão de carbono e, principalmente, o descarte dos resíduos. A indústria da moda está entre as mais poluentes do mundo, perdendo somente para a de petróleo e, de acordo com a Organização Das Nações Unidas (ONU), ela é responsável por 8% dos gases do efeito estufa e por 20% do desperdício de água no mundo. Para melhor entendimento: ao produzir uma peça de jeans são gastos cerca de 11.000 litros de água, segundo o portal de notícias G1 (2015).

A exemplo desses impactos na esfera social, uma reportagem também feita pelo canal de notícias G1 (2022), aponta que nos lixões clandestinos toneladas de roupas liberam microplásticos que poluem fauna e flora. Gana foi chamado de "O país que virou lixão de roupas de má qualidade dos países ricos", pela BBC NEWS (2021). Todas as semanas, mais de 15 milhões de peças de roupas usadas chegam ao país, onde são disputadas por revendedores. E assim como a maioria dos problemas ambientais, ninguém quer se responsabilizar, uma vez que o mercado continua lucrando.

A criticidade desses problemas exige planos de solução urgentemente. De tal maneira, a pesquisa buscou estudar o modelo *slow fashion*, uma das respostas do mercado à cultura do imediatismo e a incessante necessidade do novo, e como o atual mercado imediatista está respondendo a esse movimento.

### Corpo do Texto

O presente artigo baseia-se na pesquisa de Iniciação Científica teórico-prática que buscou investigar como o atual mercado imediatista passou a responder ao modelo *fast fashion*, atentando-se a problemáticas ambientais, sociais e econômicas, considerando o modelo de produção e consumo *slow fashion*. O projeto é de natureza aplicada, de diagnóstico, com abordagem metodológica predominantemente qualitativa, e, quanto aos objetivos, é exploratória. É de extrema relevância, considerando que estuda o impacto da moda na sociedade e como seus modelos de produção afetam o meio ambiente, destacando problemas e suas possíveis soluções.



Para entender as questões que o modelo *slow fashion* pode, supostamente, solucionar, deve-se ter em mente, primeiramente, o que desencadeou tais questões: o *fast-fashion*. Contudo, o modelo *fast fashion* apenas obteve sucesso porque foi acatado pelos consumidores. Esses, vivem em um cenário no qual tudo é possível: a mídia expõe um produto hoje, que, ao compra-lo, amanhã é entregue. O avanço das tecnologias e rápido acesso à informação, permitiram a esses consumidores terem o que desejam em velocidade recorde. Esse rápido acesso aos produtos gera uma incessante necessidade pelo novo – impulsionado pelas mídias que saturam imagens de produtos constantemente -, que é descartado assim que obtido.

Porém, esse consumo em massa gera, também, um descarte em massa: um problema que ganhou o nome de lixo têxtil e expressa caráter de urgência. De acordo com o IEMI – Inteligência de Mercado, em 2022 foram compradas 6,3 bilhões de peças de roupa. Porém, sem investimento em pesquisa ou incentivos do governo, e sem uma política sólida de gestão de resíduos, a estimativa é que essas compras resultaram em 192 mil toneladas de lixo têxtil, segundo o canal de notícias Carta Capital (2023).

Por outro lado, a pandemia da Covid-19, em 2020, trouxe uma mudança totalmente antagônica a este consumismo. O mundo inteiro encontrou-se obrigado a paralisar e, com a necessidade de ficar em casa, fomos forçados a perceber que a quantidade de roupas que possuímos e adquirirmos são desnecessárias. Em uma pesquisa sobre tendências de consumo de moda em 2023, a Audaces aponta que 82% dos compradores de moda dizem não comprar peças de roupas a cada nova coleção, mas sim quando necessário, de acordo com *Think with Google*.

Nesta linha de pensamento mais consciente, pensando nas questões ambientais, o movimento *slow fashion* tem ganhado força, que possui como princípios valorizar cada etapa do processo de produção, desde os insumos até a venda, e oferecer produtos mais duráveis confeccionados por meio de processos sustentáveis e ecologicamente corretos. O movimento *slow*, nas mais diversas áreas, se baseia no desenvolvimento sustentável, de forma a desacelerar os impactos negativos que o *fast fashion* tem causado ao meio social e ao meio ambiental. Na moda, o *slow fashion* surge no intuito de conscientizar sob uma “nova forma de consumir moda que unifica princípios éticos, conscientes e de sustentabilidade no enfrentamento ao trabalho escravo” (SANTOS, 2017, p. 2 apud FLETCHER, 2007). Esse questionamento sobre as formas de produção da moda, a origem dos produtos e as questões sociais e ambientais envolvidas “pode apresentar várias nomenclaturas, tais como *Eco Fashion*, *Eco Moda*, *Moda Sustentável*, *Moda Consciente*,

Moda Responsável, Moda Ética, *Greenfashion* e *Slow Fashion*” (BERLIM, 2017, p. 10). Algumas formas de *slow fashion* são *upcycling* (consiste basicamente na reutilização de peças já existentes), brechós, moda circular e uso de processos artesanais, além da busca por matérias primas e mão de obra local.

Entretanto, há um outro lado do *slow fashion* que vem sendo refletido: a elitização e o aproveitamento dessas vertentes sustentáveis para obtenção de lucro, mas não propriamente a uma mudança de consciência. Com produtos de qualidade e, muitas vezes, com preço superiores, Santos (2017, p. 10) afirma que este sistema não é alcançável a toda a população, sendo “um ícone de status e não uma mudança, de fato, no consumo da moda e no processo de conscientização acerca do trabalho escravo”. Além disso, Morelli (2010, p. 3) diz que muitas empresas apenas utilizam da sustentabilidade como marketing visto que “tratam seus funcionários como máquinas ou, no calar da noite, despejam lixo em riachos próximo da empresa prejudicando as comunidades que residem próximo a região e agredindo o meio ambiente”. Isto é, explorar a sustentabilidade, presente no imaginário da sociedade pós-moderna, como uma ferramenta de obtenção de lucro sem instaurar estes princípios efetivamente.

Então, podemos afirmar que o movimento *slow fashion*, pode ser considerado uma solução efetiva para o problema do lixo têxtil? Ainda é muito cedo para afirmar que, substancialmente, o modelo *slow fashion* está tendo impacto na solução do problema que é o lixo têxtil. Contudo, pode-se afirmar o impacto que está tendo na conscientização a respeito do problema.

A exemplo desse impacto, é o crescimento de algumas formas de *slow fashion* como as bibliotecas de roupas, a produção *on demand* e o *upcycling*, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2023). A biblioteca de roupas consiste em revitalizar peças doadas e trabalha sob a forma de empréstimos. O que não pode ser reutilizado é reciclado, transformando-se em produtos têxteis, como, por exemplo, artigos em *patch work*. A retirada das peças funciona por assinatura mensal, o que permite o acesso total às roupas, com trocas ilimitadas e um guarda-roupa diversificado.

Já a produção *on demand* (em português, sob demanda) está sendo aderida por muitas marcas como uma forma de demonstrar que estão preocupadas com a questão da sustentabilidade. Uma vez que 30% das roupas produzidas nunca são vendidas e que 15% de retalhos de tecidos sobram da etapa do corte, visando reduzir esse problema, alguns empreendedores apostam na produção sob demanda. Apesar de ser muito comum em pequenas empresas e em startups, grandes

marcas - como a Nike, por exemplo - já dão os primeiros passos nesse sentido também (SEBRAE, 2023).

Outro exemplo de como a conscientização pode ser um caminho de soluções realistas para a questão do lixo têxtil, é a decisão do governo francês que, segundo o canal de notícias Veja (2024), em março deste ano (2024), aprovou um projeto de lei que busca penalizar a moda “*fast fashion*”, especialmente roupas de baixo custo geralmente produzidas por empresas chinesas. Entre as medidas propostas estão a proibição da publicidade desses produtos e o aumento gradual das penalidades de até 10 euros por peça de roupa individual até 2030. A proposta tem como principal objetivo diminuir o impacto ambiental gerado pela produção excessiva.

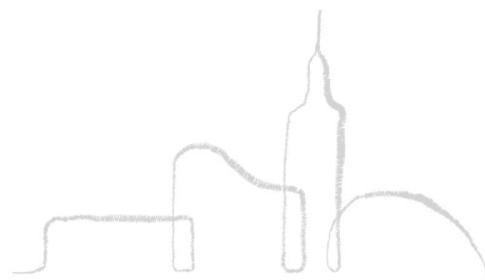
“Essa evolução do setor de vestuário em direção à moda efêmera, combinando volumes aumentados e preços baixos, está influenciando os hábitos de compra do consumidor, criando impulsos de compra e uma necessidade constante de renovação, o que não é sem consequências ambientais, sociais e econômicas” (VEJA, 2024).

O governo francês lançou, também, um projeto de incentivo à reparação de roupas e sapatos velhos para evitar que os produtos sejam jogados fora. O incentivo reembolsa até 25 euros por cada peça de roupa que for reparada e foram disponibilizados 154 milhões de euros para que esse esquema de reparo aconteça. A medida mostra como os poderes públicos podem tomar ações que caminhem na direção da solução do problema.

De tal maneira, é possível afirmar que há esperança na conscientização, tanto para o problema do lixo têxtil quanto para a imagem do mercado da moda, que vem sendo retratada como uma indústria de excessos: “Glamour à primeira vista, um colosso de desperdício nos bastidores” (CAPITAL, 2023).

### Considerações Finais

Ao analisar qualquer espécie de movimento social, histórico ou cultural, é importante ter em mente que nada acontece isoladamente. Os movimentos sociais estão ligados ao momento histórico, que, por sua vez, está ligado à economia - influenciadora da ciência e dos avanços tecnológicos - e assim sucessivamente. Logo, culpar e esperar soluções de apenas um lado é incoerente.



Os problemas que cercam o mercado da moda – ambientais, sociais e econômicos – são circulares, ou seja, é necessário um esforço de todas as partes: os consumidores, os poderes públicos, a mídia e as indústrias. Os consumidores fazem sua parte ao pressionar as marcas por mais transparência e procurar pesquisar sobre seu trabalho e princípios antes de efetuar a compra; os poderes públicos contribuem ao - como no caso citado do governo francês – monetariamente conter a mídia e, logo, o consumo; e a indústria que, por sua vez, deve ser transparente, atentando-se à desperdícios e as condições de trabalho de seus empregados.

A partir do momento que todas as áreas envolvidas comecem a tomar atitude, aqueles que não se alinharem aos princípios, serão excluídos e eventualmente extintos. Assim, é possível afirmar que a conscientização é o caminho mais realista para a solução.

### Referências

FANTÁSTICO. Fabricação de uma calça jeans consome 11 mil litros de água. **G1**. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/02/fabricacao-de-uma-calca-jeans-consome-11-mil-litros-de-agua.html>. Acesso em 20 abril 2023.

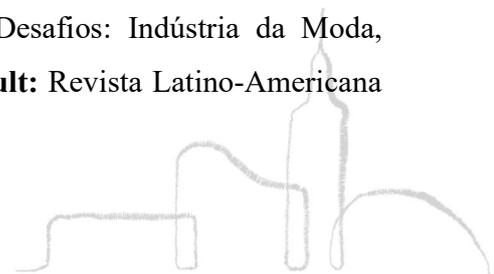
FANTÁSTICO. Lixo têxtil: sem reciclagem ou reaproveitamento, restos de roupas ameaçam o meio ambiente. **G1**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/02/13/lixo-textil-sem-reciclagem-ou-reaproveitamento-restos-de-roupas-ameacam-o-meio-ambiente.ghtml>. Acesso em 20 abril 2023.

G1. O país que virou lixão de roupas de má qualidade dos países ricos. **G1**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/moda-e-beleza/noticia/2021/10/14/o-pais-que-virou-lixao-de-roupas-de-ma-qualidade-dos-paises-ricos.ghtml>. Acesso em: 20 abril 2023.

CAPITAL, Carta. Resíduos têxteis: por que é tão difícil reciclar roupas? **Carta Capital**. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/residuos-texteis-por-que-e-tao-dificil-reciclar-roupas/>. Acesso em 11 março 2024.

BERLIM, Lilyan. **Moda e Sustentabilidade**: Uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. Entre Fios e Desafios: Indústria da Moda, Linguagem e Trabalho Escravo na Sociedade Imperialista. **Relacult**: Revista Latino-Americana



de Estudos em Cultura e Sociedade, p. 1-15, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/468/238>. Acesso em: 14 dez 2023.

MORELLI, Graziela. PARADOXOS DA SOCIEDADE CONTEMPORANEA: O MOVIMENTO SLOW FASHION. In: COLÓQUIO DE MODA, 7., 2010, Maringá. **Anais...** Maringá: Cesumar, 2010. p. 1-12.

SEBRAE. Novos modelos de negócio na moda. **SEBRAE**. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/novos-modelos-de-negocio-na-moda-producao-on-demand,6797c88817fe5810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em 20 abril 2024.

VEJA. França avança projeto para taxar empresas de fast fashion, como a Shein. **VEJA**. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/franca-avanca-projeto-para-taxar-empresas-de-fast-fashion-como-a-shein>. Acesso em 20 maio 2024.

